

ATIVIDADE PRÁTICA EM MODELO DE ENSINO A DISTÂNCIA: EXPERIÊNCIA NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

MARINGÁ/PR MAIO/2017

HUGO SANTANA CASTELETTO - UNICESUMAR - hugo_casteletto@hotmail.com

Tipo: RELATO DE EXPERIÊNCIA INOVADORA (EI)

Categoria: MÉTODOS E TECNOLOGIAS

Setor Educacional: EDUCAÇÃO SUPERIOR

RESUMO

Este artigo pretende trazer uma proposta de atividade prática em formato de ensino a distância. Tal proposta foi realizada na Unicesumar, no curso de Licenciatura em Geografia, para a disciplina de Globalização e Espaços Regionais: Poder e Conflito. No geral, tem-se na Geografia, que o conceito de Globalização é algo muito difícil de compreender, pois não é um conceito palpável, que facilita a visualização dos alunos. Desse modo, é perceptível que muitos de nossos alunos ainda possuem demandas a respeito do assunto, o que dificulta sua aprendizagem. No modelo de ensino a distância, podemos dizer como professores, que essa tarefa se torna ainda mais difícil, uma vez que visualmente não podemos ver e sentir tais demandas. Assim, através da metodologia proporcionada pela Unicesumar, foi possível exigirmos trabalhos práticos, mesmo no modelo de Ensino a Distância, no qual foi possível orientarmos e proporcionarmos tais atividades aos alunos, mesmo que tivesse grandes distâncias entre nós. Sendo assim, este artigo descreve como se deu essa atividade e quais orientações foram passadas para que os alunos pudessem se interessar pelo assunto e compreender de forma clara e prática o conceito de Globalização.

Palavras-chave: Ensino a Distância; Globalização; Prática.

Introdução

Na atual conjuntura de ensino no Brasil, vemos que mudanças com relação ao público alvo atendido pelas instituições de ensino, demandam cada vez mais novas formas de ensino que estimulem o aprendizado por meio de atividades práticas. Muito disso se deve principalmente a inclusão de novos instrumentos digitais em nosso cotidiano, o que acabou por agilizar e facilitar o acesso à informação, tornando o ensino, de certa forma, banal, uma vez que é possível obter conhecimento através do acesso facilitado à rede mundial de internet. Assim, o ensino tradicional acabou se tornando “cansativo” aos olhos desse novo público, exigindo que os professores encontrassem novas formas de atrair esse aluno para dentro da escola. Vale ressaltar que esse problema não é exclusivo da geografia e no ensino básico, segundo Brabant (1994), essa crise já é sentida há muito tempo nas universidades. Se esse problema já é recorrente na atual conjuntura do ensino presencial, o que podemos dizer do ensino a distância, uma vez que as grandes distâncias que separam professor e aluno inviabilizam o uso de trabalhos práticos nos métodos de ensino, dificultando ainda mais o fomento a metodologias ativas.

É nesse sentido que este artigo propõe um de trabalho prático, no âmbito da disciplina de Geografia, para modelos de ensino a distância. Neste artigo procuramos ressaltar uma grande dificuldade (que não é exclusiva da Geografia) que é a de fazer com que o aluno tenha um aprendizado que tenha significado na sua vida, no qual seja possível ele interagir com o meio que ele vive, podendo relacionar o conteúdo com seu cotidiano, se tornando agente transformador. No contrário seria apenas um aprendizado mecânico, no qual ele aprende para realizar a prova.

Nesse sentido Kaercher (2005) lembra “o destaque é a busca pela aprendizagem significativa [...] usando referenciais teóricos claros, com a geografia do cotidiano do aluno” (KAERCHER, 2005, p. 29). Para isso, primeiramente temos que superar a ideia de que o aluno é apenas um objeto de sala de aula, e torna-lo sujeito da sala de aula, fomentando sua participação, como expressa bem Rays (1996). Vencer a praticidade na hora de ministrar uma aula é um dos grandes desafios dos professores nos dias de hoje, principalmente se tratando de geografia, uma disciplina que muitas vezes é vista como uma das que tem essa possibilidade. Porém, muitas vezes buscamos o caminho mais prático, que é o de seguir o “livro didático”, que em muitos casos ainda segue a linha positivista do século XIX, que visa uma neutralidade, como Westtstein (1994) resalta bem em sua obra.

Porém, no caso desse artigo ainda temos outro percalço: como trabalhar de maneira

prática, no modelo a distância, uma disciplina como Globalização, que para muitos é algo muito abstrato? É com esse pensamento que propomos um trabalho prático, auxiliado pela metodologia EAD da Unicesumar, para a disciplina de Globalização e Espaços Regionais: Poder e Conflito.

Objetivo Geral

- Apresentar uma proposta de trabalho prático em modelo de ensino a distância.

Objetivo Específico

- Dar publicidade ao método utilizado.
- Disseminar novos meios de metodologias ativas.
- Demonstrar formas de trabalho prático a distância.
- Orientar os passos para realização da atividade.
- Demonstrar os ganhos com atividades práticas realizadas em modelos de ensino a distância.

Referencial Teórico: “Globalização: um conceito abstrato”

Há muitos anos que vemos a sociedade humana desenvolvendo as mais variadas formas de podermos interagir no espaço e tempo. Há alguns anos fontes de comunicação tais como o rádio e o telefone, mal podiam ser acessadas pelas classes sociais menos favorecidas, ou seja, antigamente vivíamos em um mundo que poucos tinham acesso a estes meios de comunicação, era apenas para uma classe privilegiada e minoritária. Nas palavras de Pereira (2001):

“referências vivas e intocáveis do nosso ser no mundo, por essência dialógico, que tem de reivindicar o sentido humano e solidário do termo ‘globalização’ ou ‘mundialização’ que, desde os fins da década de 80, invadiu não só a ciência, mas também a linguagem do nosso cotidiano” (PEREIRA, 2003, p. 33).

Já nos dias de hoje, vemos que é muito mais fácil obter em segundos uma informação sobre algum fato que ocorreu do outro lado do mundo. Informações sobre pessoas, lugares, economia, política, etc. tudo hoje é feito na escala planetária, devido principalmente às novas formas de transporte e comunicação inventadas nos últimos anos. Importante destacar que isso só foi possível devido ao avanço do capitalismo, ou seja, o capitalismo que vivemos hoje se tornou Global ou Globalizado. Daí o termo Globalização! Esse fenômeno, nada mais é do que uma das fases pela qual o capitalismo está passando, ou melhor, é a fase pela qual o capitalismo deixa de ser territorial e passa a ser mundial, no qual todas as pessoas passam a ter acesso aos

meios de comunicação e transportes tão rápidos que há uma sensação de que o mundo está conectado e não existem barreiras territoriais entre os países. Vale ressaltar algumas passagens de autores que tentam definir tal conceito, como Hirano (1994) que procura destacar não apenas a ideia de universalização do capitalismo, mas também a “liberdade dos atores no mercado [...] também do próprio conceito de mercado, que não é apenas um conceito econômico, mas também político e social, incluindo o cultural” (HIRANO, 1994, p.30)

Alguns autores descrevem a Globalização como algo recente que teve sua “semente” plantada no início das Grandes Navegações no século XV. Esse contexto de Economias-Mundo, isoladas e autossuficientes se modificaria com os anos, principalmente a partir do século XV, onde houve um começo de busca principalmente por parte da Europa, por novas rotas de comércio através das Grandes Navegações. Assim, estudiosos costumadamente dizem ser as Grandes Navegações Europeias, os primeiros passos rumo a Globalização, quando o mundo passa de Economias-Mundo isoladas para um Sistema-Mundo integrado. Neste sentido Adas (2011) fala em quatro fases para o surgimento da Globalização e o Sistema-Mundo:

- Primeira Fase: Expansão geográfica da Economia-Mundo europeia rumo as demais Economias-Mundo.
- Segunda Fase: Foi o período de avanço tecnológico Pós-Segunda Guerra Mundial.
- Terceira Fase: Foi o período que compreendeu a Guerra Fria e a disputa entre EUA e URSS.
- Quarta Fase: Foi o domínio e a “mundialização” do capitalismo.

Porém, é importante ressaltar que nem todo o planeta se beneficiou diretamente da Globalização. Em dados, segundo Santos (1979) e Adas (2011), estamos falando que:

“enquanto Europa Ocidental, América do Norte e parte da Ásia [...] apresentam grande participação no comércio mundial, América Latina, África e outras regiões ocupam posições marginais, com fluxos de importação e exportação relativamente reduzidos” (ADAS, 2011, p.56)

Segundo Santos (2004) os países desenvolvidos nos tempos de Globalização são apenas “meros” produtores de tecnologia, ou seja, ao receberem as remessas de lucro advindas dos países produtores (países subdesenvolvidos) eles acabam por investir ainda mais em novas tecnologias para que cada vez mais os custos de produção fiquem mais reduzidos. Já os países subdesenvolvidos seriam o campo de atuação de

empresas transnacionais advindas de países desenvolvidos, é onde eles conseguem vantagens financeiras para a instalação da sua linha de produção, sendo apenas reprodutores na cadeia produtiva mundial não obtendo lucro direto da produção da empresa uma vez que esse montante retorna ao país de origem da empresa para investimento em mais tecnologia, ou seja, segundo Santos (2004) existem uma perpetuação dessa hegemonia vinda dos países desenvolvidos, que dificilmente será quebrada. A passagem de Santos (2001) corrobora com o exposto acima:

Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. A partir desse mito e do encurtamento das distâncias — para aqueles que realmente podem viajar — também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. É como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance da mão. Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado. (SANTOS, 2001, p. 18-19)

Na atual fase de “mundialização” do capitalismo, ou mesmo dizendo de Globalização, é notório que vivemos em um mundo onde devido ao modo de produção dominante somos e provavelmente seremos durante alguns anos, uma sociedade de consumo. Desde que o capitalismo se tornou o principal modo de produção dos países, a Globalização vem modificando cada vez mais o volume de transação de comércio e pessoas pelo mundo, interferindo diretamente nas decisões políticas mundiais tanto dos países desenvolvidos como dos países subdesenvolvidos. Portanto, é no sentido de mostrar o quanto a Globalização é desigual e acaba por tornar o mundo desigual, que a disciplina de “Globalização e Espaços Regionais: Poder e Conflito” procura direcionar os alunos, mostrando que apesar de parecer não estarmos inseridos no mundo Globalizado, sempre encontraremos alguma característica no espaço que vivemos que demonstram que inseridos nesse mundo global. Tudo isso é norteado pela ideia de que a geografia e a globalização não são estáticas, pois “o espaço ainda tende a ser tratado como fixo, morto, e não-dialético, e o tempo, como a riqueza, a vida e a dialética e o contexto revelador da teorização social crítica” (SOJA, 1993, p.18). Só o fato de estarmos ensinando e aprendendo através de uma modalidade de curso a distância, já é fato suficiente para demonstrarmos como a globalização está presente na vida de nossos alunos, não sendo algo ‘estático’.

Metodologia

Primeiramente, antes de explicar de fato o que é trabalhado na disciplina e como há o casamento com o trabalho prático, achamos importante ressaltar de forma sucinta, como funciona a metodologia do Ensino a Distância da Unicesumar. Isso porque, poderemos compreender o objeto de aprendizagem muito valioso nessa metodologia, que nos

permite exigir trabalhos práticos, o chamado MAPA (Material de Avaliação Prática de Aprendizagem). Ele consiste em parte da nota do aluno em todas as disciplinas do curso na instituição, e é uma atividade onde o aluno deve colocar em prática o conhecimento adquiridos durante a disciplina, podendo versar entre projetos de pesquisa, resenha, estudo de caso, entre outros elementos que podem ser inseridos. Assim, o aluno realiza a atividade prática e dentro do seu Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e anexa seu produto final (que aceita várias extensões e formas de anexo). Dessa forma, o tutor recebe esse produto creditando a nota que é merecida.

A partir da formatação desse modelo, a exigência de trabalhos práticos no modelo EAD da Unicesumar, passou a ser obrigatório a todos os professores, criando assim uma nova ferramenta pela qual podíamos atingir o objetivo de tornar o aluno não apenas habilidoso com o conteúdo, mas também competente.

Atividade Prática.

A Atividade Prática proposta nesta disciplina, tem por base a percepção do aluno com relação ao que é Globalização e o que está ao seu redor. A ideia aqui é fazer com o que o aluno prove, através de observações em campo, que entendeu o conceito de Globalização. A Globalização é um fenômeno presente em nosso cotidiano. Uma de suas características é exatamente fazer com que você não perceba sua verdadeira influência na vida real, uma vez que decisões unilaterais acarretam uma série de acontecimentos mundiais capazes de alterar o “dia a dia” das pessoas. Uma forma de apreendermos essa mudança é por meio da Fotografia, um instrumento de trabalho didático muito utilizado na Geografia.

Um dos grandes adventos da humanidade, que tem por base a revolução tecnológica, é a urbanização e a chamada “sociedade de consumo”. Esse novo modelo de viver nos trouxe uma série de vantagens, porém, é fato que, com a urbanização e a menor coletivização da produção, criou-se um cenário no qual é possível encontrarmos diferenças sociais. Daí o fato de dizermos que a Globalização, na verdade, aumentou as diferenças. Daí surge a proposta: cada aluno deveria fotografar elementos urbanos que fossem capazes de mostrar o quanto sua cidade está inserida na Globalização. Um grande exemplo dessa observação no espaço urbano é as fotos tiradas por Oscar Ruiz, fotógrafo mexicano, que em um de seus trabalhos, buscou fotografar contrastes sociais em grandes cidades de seu país, como por exemplo, em Santa Fé, na Cidade do México (Imagem 1).



Porém, um problema nesse tipo de trabalho é o de como fazer para padronizar todos. Dai surge na plataforma um campo no qual orientamos os alunos de como fazer, “passo a passo”. Partindo dessa ideia, nossas orientações pediram aos alunos que observassem o município onde você mora e registrassem de três a cinco fotografias que representassem o fenômeno da Globalização, dando como exemplos:

Multinacionais instaladas no seu município.	Empresas de marcas famosas.
Territórios segregados (pobreza).	Utilização de produtos “alternativos” (falsificados).
Formação de comércio do tipo “camelô”.	Festivais estrangeiros.
Shopping Center.	Comidas estrangeiras.

Cada foto era preciso contextualizar, pois é a partir da contextualização que a imagem passa a tomar sentido. A contextualização nada mais é que uma "justificativa" pela qual você está enviando determinada foto. Outra orientação foi a de que era importante que você buscasse retratar algo que realmente enalteça, tanto positivamente como negativamente, a Globalização, através da demonstração da cultura estrangeira até a desvinculação salarial gerada por esse fenômeno, como a pobreza e o desemprego. Nas imagens apresentamos alguns desses trabalhos, para demonstrar toda a capacidade que uma atividade dessa pode dar aos nossos alunos, mesmo a distância.

Resultados

Os resultados obtidos foram muito expressivos, uma vez que foi possível observar grande engajamento dos alunos no intuito de realizar da melhor forma possível a atividade. Abaixo, temos a descrição de alguns desses trabalhos realizados. Aqui é reproduzida as imagens 2, 3 e 4, e os respectivos comentários realizados pelos alunos.



Comentário realizado pelo(a) aluno(a): O café do município de Cristina ganhou o prêmio de melhor café do mundo por dois anos consecutivos (2014 e 2015), no concurso Cup of Excellence, sendo avaliado por jurados internacionais. Principal produto da agricultura do município, o café vem se destacando nos últimos anos, alcançando a nota mais alta (95.18) no concurso internacional e atingindo recorde mundial na história do café. Sebastião Afonso da Silva é o produtor responsável pelo cultivo do melhor café do mundo, que foi vendido para a Starbucks, a maior torrefadora de café do mundo. Outros cafeicultores vêm aprimorando seus cultivos, levando a um aumento da produção dos “cafés especiais”, que contam com a ajuda do relevo e do clima local para aprimorar seu sabor. Tais cafés são vendidos principalmente para a Alemanha e Estados Unidos.



Comentário realizado pelo(a) aluno(a): A foto mostra o grande mercado informal formado pela massa de desempregados, vítimas muitas vezes de empresas que fecharam suas portas pela concorrência desleal da indústria e da política comercial da China. E o grande paradoxo de tudo isto é que a mesma política da China que o fez perder seu emprego é a mesma que agora que ele sobreviva em condições precárias. É a desterritorialização atuando tanto no fato deste camelô por condições adversas não poder ter sua moradia, como também ao modificar a economia local deste espaço regional.



Comentário realizado pelo(a) aluno(a): A foto nos mostra a verdadeira face da globalização. Onde o poder do grande capital perpassa a autonomia do estado em prover políticas públicas que levem ao bem estar da população dos países subdesenvolvidos. As políticas sociais ficam em segundo plano, quando o estado atrela com o grande capital e passa da posição de poderio para a posição de servidão. Não resta aos que são vítima do abandono pelo estado, a não ser engrossar o número de miseráveis das tristes estatísticas dos resultados da globalização como fator da desigualdade social.

Considerações Finais

Neste trabalho realizado, podemos perceber o quanto é valoroso um trabalho de campo para os alunos. Apesar de se tratar de um modelo de ensino no qual a procura se dá exatamente pela “falta de tempo” dos alunos, esse tipo de atividade prontamente foi aceito como um desafio para os mesmos.

Isso tornou a aula muito mais interessante, uma vez que a cada encontro no modelo “ao vivo” os mesmos buscavam elementos para que pudessem realizar a atividade com sucesso. Os resultados reais foram acima da média, o interesse dos alunos foi ótimo, e o índice de alunos com dificuldades com a disciplina caiu. Tudo isso, com base em uma atividade pratica que ajudou na compreensão de apenas um conceito, que na verdade, era suficiente para entender a proposta da disciplina.

Vale ressaltar que o papel da equipe de tutores e mediadores tem parcela grande no sucesso da atividade, uma vez que boa parte das demandas no geral, devem ser resolvidas pelos mesmos. Portanto, concluímos que há possibilidade de trabalho pratico em modelo de Ensino a Distancia, desde que haja comprometimento da equipe e uma ideia estimulante ao aluno, o que gera ganhos práticos e conceituais para eles.

Referencias

ADAS, Melhem; ADAS, Sergio. **Expedições Geográficas**. São Paulo: Moderna, 2011.

BRABANT, Jean-Michel. Crise da Geografia, crise da escola. In OLIVEIRA, Ariovaldo U. de (org.) **Para onde vai o ensino de geografia?** 5ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.

HIRANO, S.. A América Latina no novo contexto mundial, In: Globalização e espaço latino-americano. São Paulo: Hucitex, 1994.

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia escola na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da geografia crítica.** São Paulo: USP-FFLCH-DG, 2005 (Tese de Doutorado), 363p.

PEREIRA, Miguel Baptista. Alteridade, Linguagem e Globalização. Revista Filosófica de Coimbra. N.º 23. Coimbra, 2003.

RAYS, O. A. A relação teoria–prática na didática escolar crítica. In: VEIGA, I. (Org.) **Didática: O ensino e suas relações.** Campinas: Papyrus, 1996.

SOJA, E. W.. Geografias pós-modernas. A Redefinição do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SANTOS, M. Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos.** São Paulo: Edusp, 2ª Edição, 2004.

WETTSTEIN, Germán. O que se deveria ensinar hoje em geografia. In OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. (org.) **Para onde vai o ensino de geografia?** 5ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.